

# FGV premia 12

Em meio a turbulência política e a instabilidade econômica, a Fundação Getúlio Vargas premiou ontem as 12 empresas que mais se destacaram no ano passado. O critério adotado para esta seleção selecionou as que mais se envolveram com a produtividade, eficiência e qualidade. Ganharam o Prêmio FGV-1992 de Excelência Industrial algumas companhias conhecidas dos consumidores, como a Bic, Souza Cruz, Indústria de Produtos Alimentícios Confiança (dos biscoitos Tostinges), Termomecânica, Cimento Portland Gaúcho (do grupo Votorantim) e Eternit. Mas desta lista constaram também várias empresas que não chegam a ser *famosas*: a metalúrgica Zamprogna, Granja Resende, SLC Indústria e Comércio (fabricante de máquinas agrícolas), Construtora Ferreira Guedes, Solutec (da Exxon, produtora de aditivos e lubrificantes) e M. Dias Branco, do setor de massas e farinhas.

A cerimônia, realizada no auditório da FGV, no Rio, contou com a presença de cerca de 250 empresários, executivos financeiros e economistas. É a segunda vez que a Fundação escolhe, no meio do acompanhamento das 500 maiores empresas do Brasil, as 12 que mais se destacaram. "Dá para perceber que a maioria investiu na sua atividade, evitou tomar empréstimos bancários, os controladores cuidaram de perto de seus negócios e que são setores dinâmicos da economia", resumiu o economista

Paulo Rabello de Castro, um dos conferencistas da Fundação Getúlio Vargas.

Mas qual foi a receita de sucesso destas empresas? Como elas conseguiram bons resultados justamente quando a economia estava mais indefinida e o quadro político ajudava a acentuar as incertezas? O JORNAL DO BRASIL fez estas perguntas para os premiados ontem e chegou a conclusão de que um dos principais ingredientes foi mesmo a confiança de que os negócios podem continuar de vento em popa independente das turbulências que insistem em dificultar o trabalho dos empresários.

**Trabalho** — "Nós procuramos cuidar da nossa construtora. Fizemos obras e não *lobby*", resumiu o jovem empresário Silvio Guedes, presidente da construtora paulista Ferreira Guedes desde o ano passado, quando seu pai faleceu. Apesar do nome da companhia não ser conhecido do grande público, ela participou da construção de Brasília, do Pólo Petroquímico do Rio Grande do Sul, entre outras.

Mesmo sofrendo com um grande atraso no recebimento — "de cerca de 45% das nossas encomendas" — por conta da inadimplência de governos municipais, estaduais e federal, Guedes garante que a construtora não está muito sufocada. Em coro, os empresários premiados ontem garantem que evitar altas dívidas financeiras é um ingrediente essencial para uma receita de sucesso.

José Roberto Serra

